ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Tradução de Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Record, 2010, 351 p.

Elaine Cristina Senko[*]
Doutoranda em História
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 28/06/2015**
● **Aprovado em: 04/08/2015**

Filólogo, crítico literário, semiólogo... Umberto Eco (1932-) é um pesquisador versátil, tornando-se conhecido mundialmente pelos seus importantes estudos na área da arte. Dentre suas principais obras nesta temática, destacamos *Arte e beleza na estética medieval*, publicada originalmente no ano de 1959. O livro em questão, objeto da presente resenha, foi lançado em solo brasileiro pela Editora Record, em 2010, com a tradução de Mario Sabino Filho; trata de questões fundamentais relacionadas ao trabalho do historiador da arte e da cultura, contemplando os conceitos de "arte" e "beleza", no campo da estética, no que se refere ao recorte espacial do Ocidente Medieval, entre os séculos VI e XV.

O livro é apresentado em doze capítulos, contando a Introdução; nela, Umberto Eco destaca a necessidade de valorização do medievo, de suas criações. Neste momento, o autor ainda declara que não pretende ali um estudo original; no entanto, pese esta consideração, devemos ter em mente a sua mais que valiosa contribuição, sempre através de notáveis colocações e reflexões, para o universo dos estudos na área.

Na sequência temos o capítulo intitulado *Sensibilidade na Estética Medieval*; nele o autor ressaltou o uso dos princípios da produção artística clássica, dentro de uma visão da tradição bíblica, por parte das obras medievais. Nesse sentido, a sensibilidade estava ligada a uma representação da realidade religiosa medieval; ao mesmo tempo, a mística medieval, ligada ao colecionismo da beleza, trazia aspectos de utilidade para essa arte.

No terceiro capítulo, *O Belo como Transcendental*, Umberto Eco esclarece que a busca da beleza para além do humano no espaço do divino estava relacionada a um sentido um tanto universal, e por esse motivo a "beleza" no medievo estava próxima ao transcendental.

[*] Doutoranda em História Medieval pelo PPGHIS UFPR, sob orientação da Professora Dra. Marcella Lopes Guimarães. Membro do NEMED. Professora convidada de História da Arte na Pós-Graduação em História Social da Arte da PUCPR.

Neste momento, o autor também afirma que a arte do século XII, no Ocidente Medieval, apresenta uma influência aristotélica advinda dos árabes estabelecidos na Península Ibérica, bem como da própria produção dos mais destacados eruditos ligados à escolástica.

Avançando em seu estudo, no quarto capítulo, *As Estéticas da Proporção*, Eco relembra a tradição clássica, com destaque para o seu ideal de proporção; este conceito, segundo o autor, teria sido reelaborado pelos artistas medievais. No texto, essa concepção de proporção é ressaltada em relação à música medieval e aos estudos na Escola de Chartres, no século XIII, onde se desenvolveu uma visão estético-matemática; ocorreu a busca pelo tetrágono na proporção como regra artística. No quinto capítulo, *As Estéticas da Luz*, Eco afirma que os medievais, entretanto, não eram apenas preocupados com a harmonia da proporção musical e visual; demonstravam igualmente grande gosto pela cor e pela luminosidade. Foi observando os efeitos da luminosidade na arte medieval que a ótica e a perspectiva ganharam espaço, principalmente no ambiente arquitetural: "foi precisamente a Idade Média que elaborou a técnica figurativa que mais explora a vivacidade da cor simples unida à vivacidade da luz que a infiltra: o vitral da catedral gótica"[1].

No sexto capítulo, *Símbolo e Alegoria*, trabalhando com as principais características da arte medieval, Eco ressalta que a explicação simbólica e o uso de alegorias estavam muito presentes nas manifestações artísticas do período; de fato, para o autor, o universo medieval usava essa comunicação em seu universo diário, buscando a inspiração por meio das Sagradas Escrituras. Na época, a concepção alegórica de arte se desenvolvia ao mesmo tempo em que a concepção alegórica de natureza; portanto, estavam presentes aqui vários resquícios clássicos de arte, como o idealismo e o naturalismo. Nas palavras de Umberto Eco, "com o pleno desenvolvimento da arte gótica e através da grande ação animadora de Suger, a comunicação artística por meio da alegoria assume seu maior alcance"[2].

Seguinte capítulo, *Psicologia e Gnosiologia da Visão Estética*, o autor aponta as relações entre o sujeito e o objeto artístico medieval; a emoção estética (da obra de arte, da literatura, da música); e a psicologia da visão. No oitavo capítulo, *Santo Tomás e a Estética do Organismo*, Eco apresenta um debate sobre a forma e a substância; da proporção e da integração artística; e do esplendor da luz segundo os princípios tomistas. Assim, chegando ao nono capítulo, *Desenvolvimentos e Crise de uma Estética do Organismo*, o autor defende que o olhar da arte, no século XV, conforme ia se dedicando cada vez mais ao indivíduo, sofreu mudanças; em

1 ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval.* Tradução de Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 91.
2 Ibid., p. 142.

suma, a explicação da estética do organismo, com todas as suas possibilidades artísticas funcionando concomitantemente, ia-se transformando em novos olhares sobre a arte.

No décimo capítulo, *Teorias da Arte*, Eco retoma o conceito de *ars*, relacionando-o à concepção clássica: arte como uso e feitura, dentro de uma técnica (*tekné*) desenvolvida pelo homem. Porém, destaca o autor, os medievais restringiram o uso da *ars* para um ambiente restritamente religioso, da cosmologia social medieval; produto disso foram as artes liberais e as artes servis. No capítulo seguinte, *A Invenção Artística e a Dignidade do Artista*, Umberto Eco adverte ao seu leitor que, na medievalidade, existia o sentido tomista de arte como "infinita doutrina", e que o teólogo poderia ser considerado um "poeta" da fé cristã. Nesse sentido, tornava-se importante para a arte medieval o constante uso da ideia, dos *exempla*, da mesma forma que da intuição e do sentimento.

Por fim, no último capítulo da obra, intitulado *Depois da Escolástica,* Eco explana sobre o suposto dualismo pragmático medieval impregnado nas arquiteturas românicas e góticas, no qual o mal é expurgado teoricamente do plano da criação em prol da supremacia do bem: essa contradição era vivida e tolerada teoricamente. Na arte medieval, segundo o autor, era considerada principalmente a estrutura, a estética (como norma de vida); porém, quase sempre com a presença da astrologia em contraposição ou não com a providência. Concluindo, o autor ressalta a importância de se estudar todo esse processo dentro da História da Arte, pois os eruditos da Escolástica podem elucidar aspectos importantes do que era a "Arte" e o "Belo" na Idade Média.

Pois bem, consideramos a obra de Umberto Eco, *Arte e beleza na estética medieval*, fundamental não somente àqueles interessados no estudo do medievo, mas a todos os historiadores em geral, que trabalham com o tema da arte. Importante destacar, nesse sentido, que o autor apresenta uma linha de investigação crítica que relaciona a arte, com as suas produções e concepções estéticas, com as manifestações sociopolíticas do contexto contemplado; disso, resulta que a arte medieval, em suas características, reflete o sentimento de religiosidade do período, tornando-se ela um instrumento, adequado, na propedêutica dos homens, a favor da instituição Igreja. Em suma, a obra de Eco apresenta-se como uma leitura densa, com ótimas e profundas reflexões sobre o tema e as questões tratadas; leitura, portanto, recomendada.